

# **AFRODESCENDÊNCIA E AFROBRASILIDADES EM AUTA DE SOUZA**

Josenildo Pinheiro da Silva\*

Gleison Ruan Alexandre de Oliveira \*\*

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte**

## **RESUMO**

Este trabalho se constitui em um recorte dos resultados obtidos com a realização da pesquisa, em desenvolvimento, que busca investigar os aspectos afrodescendentes presentes na obra da poetisa potiguar Auta de Souza. O objetivo principal da pesquisa é, por meio de uma abordagem crítico-reflexiva, utilizando-se do método hipotético-dedutivo, investigar quais são as marcas presentes na obra da autora que denunciam a condição de poetisa negra, em uma época na qual o ato da mulher escrever se configurava como uma transgressão, principalmente ao se considerar o contexto em que viveu a autora em estudo. Esse é um dado importante que se elucida porque uma produção que se encaminhava para a marginalidade literária, acaba por chamar a atenção de quem se propõe a refletir sobre a obra autaniana, seja pela riqueza de elementos alegóricos, seja pela aparente simplicidade dos textos. Além do livro publicado por Auta, a utilização de textos inéditos e manuscritos têm sido investigados, à luz das teorias de CRUZ, DUARTE, FERREIRA, GOMES e RABASSA.

**PALAVRAS CHAVE:** Afrodescendência. Afrobrasilidades. Condição.

---

\* Autor: Professor do ensino fundamental e médio, especialista em Literatura e Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus de Educação a Distância - e-mail: zonzeira@bol.com.br.

\*\* Coautor: Pedagogo, professor do ensino fundamenta, e médio, aluno do curso Técnico em Informática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus Santa Cruz - e-mail: gleionesper@gmail.com.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### Apresentando a Poeta Auta de Souza

Auta de Souza nasceu em Macaíba/RN em 12 de setembro de 1876 e faleceu em Natal/RN em 07 de fevereiro de 1901, aos 24 anos de idade, vítima da tuberculose. Seus pais, Henrique Castriciano e Henriqueta Leopoldina Rodrigues de Souza, tiveram cinco filhos, dentre eles Auta era a única mulher. Dos filhos do casal, dois se destacaram como grandes nomes da nação potiguar: Eloy de Souza, jornalista, político e intelectual, e Henrique Castriciano de Souza, pensador da cultura, poeta e educador, fundador da Escola Doméstica de Natal.

A vida de Auta de Souza foi marcada desde cedo pela sombra da morte. Ficou órfã de mãe aos três anos de idade; aos cinco perdeu o pai, um ano depois o avô e aos 11 anos assistiu ao irmão Irineu morrer queimado. Apesar de tudo isso, seus biógrafos não a descrevem uma criatura amarga, pelo contrário, apesar das restrições impostas pelas regras sociais da época, a autora tinha uma vida social movimentada, quando estava bem, pois contraiu a tuberculose aos 14 anos de idade.

Ao ficar órfã de seus pais, Auta e seus irmãos passaram a ser criados pela avó materna, Silvina de Paula Rodrigues, em Recife/PE. Esta, apesar da pouca instrução e limitações da época, conseguiu educar os netos, assegurando-lhes lugar de prestígio e respeito na sociedade. Auta, por exemplo, estudou no Colégio da Estância, do Recife, e lá pode ter acesso aos estudos de línguas estrangeiras como o francês e o inglês, e à literatura.

Embora a formação escolar tenha sido bastante escassa, sua vida estudantil no colégio da Colégio da Estância só durou três anos, porque a autora começou a ter uma vida intinerante em busca de clima favorável à saúde, devido à doença, Auta recebeu instruções particulares que lhe renderam conhecimentos para que pudesse continuar sua auto-formação e por meio dela receber influência de autores famosos, tanto nacionais (Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Olavo Bilac), como estrangeiros (Victor Hugo, Bossuet, Fenelon, Chateaubriand e Lamartine).

Auta de Souza foi uma mulher negra e desprovida de beleza física que viveu em uma família abastada até 1891 quando a casa de comércio da família decade, mas ainda assim, embora vivendo sem as regalias da elite social na qual foi criada, a família consegue manter um padrão de vida que não lhe abala as estruturas; Auta viveu como centro das atenções da elite culta e do povo.

A poetisa começou no ofício da poesia em 1893, segundo Gomes (2009), e logo no ano seguinte publicou na imprensa local; em pouco tempo ela passou a ser colaboradora dos mais importantes jornais existentes no estado.

Nas produções de Auta de Souza, temas como infância, vida, morte, amor e dor são os mais recorrentes, nas quais a música e o lirismo fazem um singelo encontro e transformam a sua obra numa envolvente leitura que causa um fantástico efeito sinestésico sugerido pela sucessão de imagens que seus poemas apresentam. A sua poesia é simples e profunda.

Horto é o único livro publicado pela Autora, no qual estão reunidas as produções do manuscrito Dhálias, que em 2009 teve a sua 6ª edição.

### **Embasamento da proposta de estudo da obra de Auta de Souza**

Atribuir à poetisa Auta de Souza resignação, sofrimento e simplicidade como únicas marcas de sua obra é desconsiderar a pluralidade de imagens e enigmas de que se imbuí a sua poesia. Não obstante, um olhar mais apurado sobre a produção da autora vai revelar que sua inserção no universo da literatura potiguar se configurou como um ato denunciador da atitude de quem encontra na poesia um código para ecoar seu grito, pois como disse Oliveira (2007), “poesia é revolução”.

Partindo desse pressuposto, este projeto se propõe, por meio de uma abordagem crítico-reflexiva e hipotético-dedutiva, investigar a existência de marcas na obra de Auta de Souza que denunciem a condição de poetisa negra, verificando os possíveis aspectos afro-brasileiros revelados na sua poesia em uma época na qual o ato da mulher escrever se configurava como uma transgressão, principalmente ao se considerar o contexto em que viveu a autora em estudo. A proposta aqui é transpor a candura do universo feminino que envolve a obra autaniana e buscar sentido para a diversidade de sons, símbolos e imagens que sua poesia sugere, ao contrário de muitos autores que assumem uma postura contemplativa diante da obra de Auta de Souza, ou atribuem a ela uma poesia rudimentar e simplória.

Considerando que a literatura é transcendental e preocupar-se com a simples classificação de uma obra é negar-lhe este aspecto, não se pretende aqui enquadrar a produção autaniana como literatura negra, mas verificar quais os aspectos dessa vertente que se fazem presentes em sua obra.

Trata-se, pois, de uma produção que se encaminhava para a marginalidade literária, mas acaba por chamar a atenção de quem se propõe a refletir sobre ela, tanto pela riqueza de

elementos alegóricos contrastando com a simplicidade dos textos, quanto pela sonoridade enriquecida com o ritmo; ambos sugerem uma sinestesia peculiar, marcas de seu único livro publicado - Horto.

Para tanto, pretende-se frequentar tanto a obra de autores que se dedicaram a escrever sobre Auta de Souza e sua poesia, como CASCUDO, CARVALHO e DANTAS, quanto daqueles que se debruçaram sobre a produção da literatura afro-brasileira e feminina, como EVARISTO, DUARTE e FONSECA; e outras expressões da teoria literária afrodescendente.

### **Elementos Problematizadores da Pesquisa**

Possibilitar a investigação de elementos que transcendam a aparente feminilidade de uma poesia, historicamente estigmatizada como literatura marginal, se configura em oportunizar a possibilidade de percepção do caráter transcendental de que ora o texto literário se imbuí, percebendo o aspecto social da literatura como instrumento construtor e propulsor de reflexões acerca da identidade sócio-histórico-cultural dos indivíduos – tanto os que a leem quanto os que a produzem.

É sob a égide desse pressuposto que se instaura a importância deste trabalho.

Por ser de uma família da alta sociedade potiguar, Auta de Souza viveu em uma realidade diferente da que grande parte da população negra esteve sucumbida. Ela não foi escrava, viveu no seio de uma família abastada, embora tenha depois provado da decadência financeira e tenha lhe restado o prestígio e influência social e política. De fato, ela teve a condição de negra amenizada pela posição social.

Todavia, isso não significa dizer que a condição de negra e mulher da poetisa não tenha a submetido a segregações que possam ser denunciadas em sua obra; mas que limitações a cor lhe impôs? Sabe-se que a negritude não reside apenas naqueles que estiveram sucumbidos aos cativos da diáspora, mas em todos nos quais é libertado o sentimento de pertença à condição negra, conforme elucidada em seus versos Limeira (*apud* FONSECA, 2007, p. 108): “me basta mesmo/ essa coragem quase suicida/ de erguer a cabeça/ e ser um negro/ vinte e quatro horas por dia”. Ademais, “as imagens de cerceamento e prisão dizem da visão de quem sofre as interdições propiciadas pela cor da pele, vista como um estigma”. (FONSECA, 2007, p.101).

Dotada de sensibilidade e inteligência, aspectos refletidos com muita frequência em sua obra, a poetisa Auta de Souza poderia ignorar as mazelas inerentes à condição de

negritude e feminismo, que lhe roubaram a oportunidade de acesso aos anseios e desejos da jovem escritora? Essas mazelas são aspectos que não passariam despercebidos aos olhos sensíveis de um poeta, de uma mulher. Inclusive cabe aqui uma reflexão: será que teria sido oportunizada à obra de Auta de Souza a repercussão que teve se a autora estivesse inserida em outra realidade, menos favorável? Certamente que não.

Então teria ela, obrigando-se a dar voz aos irmãos negros, se incumbido da tarefa de denunciar, com toda sutileza de detalhes e suavidade tais conflitos? Pois como disse Conceição Evaristo (2004),

A palavra poética é um modo de narração do mundo. Não só de narração, mas talvez, antes de tudo, de revelação do utópico desejo de construir um outro mundo. Pela poesia, inscreve-se, então, o que o mundo poderia ser. E, ao almejar um mundo outro, a poesia revela o seu descontentamento com uma ordem previamente estabelecida (EVARISTO, 2004, p. 3).

Muitos são os elementos da poesia de Auta de Souza que vão se revelando ao longo de sua obra, uns de forma mais acessível, outros de modo mais escondido, mas onde é possível perceber a condição negra em seus textos? Eis aqui um dos questionamentos que este estudo pretende investigar, porque para Walter (1999) citado por Ferreira (2008, p. 2) “a rememoração de uma memória reprimida através da escrita, [...], pode funcionar tanto como estratégia cultural de resistência e potencialização eficaz contra a amnésia quanto como estratégia de atalhamento étnico”.

Se há reflexos de negritude na obra de Auta, como a autora lida com isso: a poesia é usada para denunciar as agruras impostas pela cor, ou para camuflar essa condição?

Considerando a fragilidade poética da autora em discussão, tanto pelas debilitações da vida pessoal (orfandade, doença e tragédia) quanto pelas limitações impostas pela condição humana que a engessava (negra e mulher), é interessante notar que o aspecto provocativo de uma cultura que se reprime pode se reduzir, mas ao mesmo tempo, se concentrar; e isso Auta de Souza concretizou, haja vista que sua obra caminha por uma centralidade, diminui os seus gestos expansivos, mas mantém-se por gestos essenciais e elucidativos que tomam força e se rebelam através do fazer poético, como se exemplificam os versos a seguir: “Que noite negra, cheia de sombras./Não foi a noite que aqui passaste?/Ó noite imensa... por que me assombra,/Tu que nas trevas me sepultaste?” (SOUZA, 2009, p. 41).

É oportuno afirmar que aqui não se busca classificar a obra autaniana como literatura negra, mas buscar os aspectos da condição de negra e mulher que eclodem na sua poesia e com que intensidade a autora faz isso; aqui se pretende dar visibilidade ao que sempre esteve

encoberto pelo estigma da poesia feminina, do texto submetido à marginalidade do cânone literário.

Diante desses desdobramentos, hipotetiza-se: a poesia de Auta diz mais do que aparenta, será que a feminilidade impregnada na leveza dos versos imbuídos de acentuado lirismo místico pode esconder vestígios de revolta?

É com base nesses questionamentos que esta pesquisa busca investigar na obra de Auta de Souza a existência de elementos reveladores da condição afrodescendente, que possam contribuir para a construção da identidade negra, percebendo as relações da autora com os aspectos elucidativos dessa construção.

Especificamente, trata-se de identificar as principais características da obra autaniana, mapeando os aspectos elucidativos da produção da autora, considerando o contexto da produção em análise com a realidade e a época em que viveu a autora, para que sejam entendidos determinados elementos presentes na construção de seus textos. Tal intento culmina com a investigação da existência dos elementos de negritude presentes na obra autaniana, através da análise de aspectos que possam revelar a afrodescendência na obra de Auta de Souza, perceber a relação da autora com os aspectos elucidativos de negritude que possam aparecer em sua obra para que se possa evidenciar, sobretudo, sob que perspectiva esse tema é abordado, quer sob a perspectiva de aceitação ou camuflagem dessa negritude.

Os estudos desenvolvidos estiveram pautados no uso do método de pesquisa bibliográfica, por meio de uma abordagem crítico-reflexiva e hipotético-dedutiva, associada à investigação da única obra da autora – HORTO – à luz de autores empenhados em consolidar as teorias sob as quais se difundem as concepções de literatura afrodescendente e suas ramificações.

## **CONCEPÇÕES DE NEGRITUDE LITERÁRIA E AFROBRASILIDADES**

Ao longo dos tempos a literatura se configurou como uma possibilidade de releitura do mundo, redefinindo conceitos e viabilizando a construção da identidade dos mais variados grupos que constituem a sociedade. Muitas vezes, não se pode negar esse fato, o resultado disso se reflete como um projeto ideológico que reproduz o pensamento da classe dominante, colocando em evidência os interesses relacionados à imagem idealizada do mundo. Como revolucionária dessa realidade forjada, “a literatura serve de suporte aos discursos coletivos de

identidade, especialmente para a formação das comunidades imaginárias, ou, ainda, para a criação de valores e tradições”, conforme afirmou Miranda (2011).

A abordagem que se pretende aqui considera a existência de preocupações quanto à expressão literatura negra, sob o entendimento da universalidade da arte. Porém, dentro desse conjunto, há as especificidades da literatura negra “enquanto identidade étnica e cultural, revelando-se em momentos discursivos quando se busca uma ação afirmativa, construída pela palavra literária, e que dá um sentido positivo à etnicidade negra.” (EVARISTO, 2004, p.4).

Não obstante, não se pode negar que não é apenas a cor da pele do escritor que vai defini-lo e contextualizar a sua obra como literatura negra, isso tem muito mais a ver com sua ideologia, com a sua relação com a condição e a experiência de negro-escritor, do contrário, ter-se-ia uma literatura politicamente definida quando a etnia era determinante para a temática a ser assumida pelo autor em seus textos. Não basta ser negro, nem é preciso sê-lo, basta sentir-se sensibilizado para escrever literatura negra.

Esse pensamento é compartilhado por Evaristo (2004) que declara:

O que caracteriza uma literatura negra não é somente a cor da pele ou as origens étnicas do escritor, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele se faz enunciar enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma fala afirmativa, de um discurso outro – diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro – podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra (EVARISTO, 2004, p. 6).

Sob a égide da concepção histórico-cultural, o homem resulta das interações plurais que ele estabelece com os seus pares, e sendo a obra literária um produto da ação do homem, é natural que ela seja, também sendo um produto da cultura, tanto política quanto economicamente histórica fundamentada. Sob a égide desse entendimento, afirma Miranda (2011) que

Os significados e efeitos que a literatura veicula estão em consonância com o regime interno que organiza seus enunciados e, mesmo que esta desenvolva uma relação autônoma com o sistema de códigos e regras que a rodeia através da construção, pelo sujeito, de um lugar discursivo imaginário para negociar com a sociedade, esse regime interno está intrinsecamente comprometido com a as dinâmicas de poder e agenciamento (MIRANDA, 2011, p. 02).

Cabe aqui uma ligeira exposição acerca dos termos literatura negra e literatura afro-brasileira que, segundo o pensamento de Fonseca (2007), são usados para nominar certas produções que se relacionam com a cor da pele de quem as produz, ou abordam temáticas que tratam da disseminação da cultura africana na brasileira, dando surgimento a um novo termo denominado afrobrasilidade. “[...] A literatura também assume essas tradições assumindo-as, particularmente, como estratégias de reinvenção e modulações de forças que se exibem em diferentes na cena do texto ou na linguagem que o produz”, (*idem*, 2007, p. 97).

Genericamente, há duas grandes vertentes que se afirmam em decorrência do modo como se relacionam à temática negra ou afro-brasileira:

Uma [...] indica uma feição literária que, direta ou indiretamente, relaciona o texto com as ideias políticas de quem o produz. Nela está registrada a intenção do produtor do texto de assumir-se negro e de saber-se pertencente. Uma outra vertente, [...] empenha-se por reconstituir, no espaço da literatura, as motivações próprias dos ambientes habitados pelas misturas típicas da cultura popular. Nesses textos, as vozes poéticas ou narrativas podem assumir diferentes tons e as tramitações próprias ao acolhimento que a escrita dá à palavra falada, aos ritmos do corpo e aos pequenos gestos que configuram o dia-a-dia da gente simples. [...] Nessa vertente, mais que denunciar a discriminação e as agruras vividas pelos afro-descendentes, intenta-se que as vozes silenciadas e as expressões culturais do povo – e por isso mesmo da grande parcela da população afro-descendente – alcancem o espaço da letra, do texto enfim (FONSECA, 2007, p. 98).

Trata-se, pois, de duas vertentes. A primeira imbuída de ideologia política que se ocupa em denunciar as agruras, e uma segunda vertente que conta com o conteúdo da primeira, mas muito mais há preocupação em ocupar-se da exposição das expressões culturais populares.

Os elementos da obra de autores que usam como tema de suas produções as questões ligadas à negritude revelam que eles se afirmam em seus textos, ecoando vozes segregadas por inúmeras razões. Nessa instância, evidenciar a obra de autores nas quais possa haver vestígios dessa temática, pode se configurar em uma oportunidade de motivação à investigação, evidenciando textos literários ainda pouco divulgados pelas academias.

O ineditismo da pesquisa reside no fato de se tomar como objeto de estudo a produção de uma autora pouco, ou quase não, pelo cânone literário; trata-se, pois, de evidenciar uma literatura marginal (mulher negra, poesia rudimentar, texto açucarado).



## **AFRODESCENDÊNCIA E AFROBRASILIDADES EM AUTA DE SOUZA: afirmação da negritude ou camuflagem étnica?**

A obra autaniana está repleta de elementos alegóricos que nos remetem à reflexão acerca da perspectiva sob a qual a autora lida com as questões da negritude. Mas o questionamento delineador deste estudo versa em torno do posicionamento que ela assume diante da temática afrodescendente: seja afirmando essa condição ou negando-a através da utilização de aspectos reveladores da camuflagem de sua etnia.

Precisamente na poesia *No Horto*, há uma menção ao que poderíamos dizer “alusão à negritude”. Nessa obra o eu-poético evoca o nome de Cristo numa súplica e com Ele se desenvolve um dueto que se desenvolve a partir da sétima estrofe e se alonga pelo poema afora.

*No Horto* é o poema da autora que mais se acentua o sofrimento e a dor; o eu-poético concentra uma súplica que se mistura com a religiosidade, dando um misto de sofrimento e resignação:

“Oro de joelhos, Senhor, na terra  
Purificada pelo teu pranto...  
Minh’alma triste que a dor aterra  
Beija os teus passos, Cordeiro santo!”

A estrofe é seguida por um dueto que se desfecha em uma terceira estrofe na qual se alude à afrodescendência:

“Que noite negra, cheia de sombras.  
Não foi a noite que aqui passaste?  
Ó noite imensa... por que me assombras,  
Tu que nas trevas me sepultaste?”

O dueto que se inicia encerra um desapego à negritude:

“Jesus amado, reza comigo...  
Afasta a noite, divino amigo!”

Jesus evocado aparece em um diálogo com o eu-poético e em resposta a essa súplica surge um conselho de resignação:

“Não tenhas medo do sofrimento,  
Ele é a escada do Paraíso...  
Contempla os astros do firmamento,  
Doces reflexos do meu sorriso.”

E essa resignação se acentua, sugerindo que o sofrimento será um dia recompensado:

“Olha as estrelas... No céu escuro  
Parecem sonhos amortalhados...  
Assim, nas trevas do mundo impuro,  
Brilham as almas dos desolados.”

Há no conteúdo desses versos mais que resignação, mais que recompensa; o ser que sofre surge como modelo, e o sofrimento como forma de purificação da alma dos homens. A verdade é que, não apenas em “No Horto”, mas ao longo de toda a obra autaniana há um desapego à cor negra e a tudo aquilo que remete à escuridão, sugerindo uma aversão à negritude.

Em contrapartida, a alusão ao branco, à alvura e à luz, é um aspecto inegável à obra de Auta de Souza, que a partir da sucessão de imagens que aparecem em seus textos, como lírios brancos, estrelas, luz, menino loiro dos olhos azuis vão acentuando a negação à negritude, em contradição com a condição de afrodescendente da autora.

Os versos extraídos do poema Loli ilustram esses aspectos:

“Formosa e pura como um lírio puro  
Na sua alvura virginal de neve,  
Loli, no esquife pequenino e leve,  
Lá vai caminhando do sepulcro escuro”.

Curiosamente essa poesia é composta por nove estrofe, sendo que a primeira, mencionada acima, se repete no fechamento do poema, funcionando com uma espécie de refrão.

A única alusão positiva em relação à cor negra, ao que se refere à obra de Auta de Souza, está no poema “versos ligeiros”, no qual o eu-poético expressa a admiração por uma menina de cor morena.

Eu acho tão feiticeira  
A Noemita da esquina,  
Com o seu cabelo de freira,  
Muito morena e franzina:  
.....  
A trança de seu cabelo,  
(como ela é negra, Jesus!)  
Semelha um lindo novelo  
Tão preto que já reluz.

O poema também possui nove estrofes, e nele há uma sequência de elogios a uma criança, mas apenas nas duas estrofes transcritas existe ênfase à beleza negra da menina exaltada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ausência de um debate mais extenso, ou até mesmo de um espaço mais abrangente acerca do que tem se denominado de literatura afrodescendente decorre de uma historiografia a qual a figura do negro está associada a uma imagem negativa, fruto da vergonhosa condição a que a diáspora submeteu o negro, a quem foi renegada toda a herança cultura que herdamos, embora esta não possa ser submergida por uma vontade esbranquiçada com um falso estereótipo de etnia modelo para as demais raças humanas.

[...] Há de se ressaltar que a historiografia literária brasileira vem passando, nas últimas décadas, por um vigoroso processo de revisão não apenas do corpus que constitui seu objeto de trabalho, como dos próprios métodos, processos e pressupostos teórico-críticos empregados na construção do edifício das letras nacionais (Duarte, 1994, p. 67).

Mas como foi dito acima, essa é uma realidade que tende a ser abolida, haja vista que na sociedade atual não cabe mais um discurso no qual uma cultura seja subjugada pelo fato da existência de uma dívida social que se estabeleceu dos brancos para com os negros. A atualidade caminha para a busca da reparação dessa dívida, a partir da reafirmação do legado histórico-cultural que os povos, hoje afro-brasileiros, outrora afrodescendentes, têm construído junto aos demais indivíduos que tecem os vasto tecido cultural brasileiro.

Utilizar-se da literatura como mecanismo para elucidar a questão da negritude, seja aludindo aos aspectos afrodescendentes, denunciando as agruras da diáspora e da opressão que os negros têm sofrido, ou assumindo a afrobrasilidade que há no povo brasileiro tem se configurado em uma vertente que toma forma na sociedade brasileira; as academias e as elites culturais têm aberto um espaço de discussão que vem dando ênfase às questões relacionadas ao tema.

Sob esse enfoque, e longe de assumir qualquer conclusão sobre o assunto, é que o estudo sobre a obra autaniana, frente aos aspectos afrodescendentes presentes em sua obra, é oportuno afirmar que a sua obra apresenta um aspecto de camuflagem étnico-racial, entendido por alguns autores como atalhamento étnico, o que não significa dizer que isso aumenta ou diminui a produção de Auta de Souza; a proposta da pesquisa que impulsionou este trabalho destoa de qualquer classificação acerca da produção em estudo, mas trabalhou-se na perspectiva de perceber sob qual aspecto a autora tratava a questão da negritude em suas poesias do único livro publicado – Horto.

Ademais, com este estudo, espera que tenha sido evidenciado que a poesia de Auta de Souza transcende aos estereótipos da feminilidade e do texto rude a que esteve submetida a sua obra, fazendo com que a sua obra tenha injustamente ficado à margem das discussões acadêmicas e do cânone literário.

Além disso, mediante o caráter de inconclusão de que se veste este documento, espera-se que as reflexões suscitadas aqui possam servir para impulsionar novas indagações que vislumbrem outras perspectivas acerca da produção de Auta de Souza.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARVALHO, Jandira. **Auta de Souza**. Fortaleza: UFC, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vida Breve de Auta de Souza (1876 – 1901)**. Recife: Imprensa Oficial, 1961.

\_\_\_\_\_ **Vida Breve de Auta de Souza (1876 – 1901)**. Coleção Câmara Cascudo: Biografias. Natal: EDUFRN, 2008.

DANTAS, Meneval. **Macaíba: imagens, sonhos, reminiscências**. Rio de Janeiro: Presença Edições; Natal: Fundação José Augusto, 1985.

DUARTE, Constância Lima. (org.) **Mulher e literatura no Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN/CCHLA, 1994.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. Universidade Federal Fluminense, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Poesia afro-brasileira – vertentes e feições. PUC **Revista de literatura brasileira**. Minas Gerais: FALE/UFMG, v. 15, 2007. ISSN 0102.4809.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **O sexo e a cor do poema: leituras de Ana Paula Tavares e Conceição Evaristo**. Revista África e Africanidades. Ano III. nº 12. Fev. 2011. ISSN 1883-2354.

OLIVEIRA, Rita Barbosa de. Poesia é revolução. **Teia literária: revista de estudos literários**. Jundiaí: Gráfica União Jundiaí, n. 1, p. 93-104, 2007.

ONOFRE JÚNIOR, Manoel. **Literatura & província**. Natal: EDUFRN, 1997.

PONTES, Roberto. **Poesia Insubmissa – Afrobrasilusa**. Fortaleza: Edições UFC, 1999.

REVISTA DA NORTE-RIOGRANDESE DE LETRAS. Natal: editora universitária v.24. n 12, 1976.

SOUZA, Auta de. **Horto, outros poemas e ressonâncias** – obras reunidas. Natal: EDUFRN, 2009.

\_\_\_\_\_ Dhálias. In: GOMES, Ana Laudelina F. (Org.). **Noite Auta, céu risonho.**  
Natal: TVU-RN/NCCEN/ Patrocínio BNB, 2008. 1 DVD.